

Família Missionária Verbum Dei  
Caderno de Oração Quaresma/Páscoa 2024

# Deixo-vos a Paz



«Eu estarei contigo todos os dias»  
Mt 28, 20

Gostávamos de saber se o Caderno de Oração ajuda o seu dia-a-dia. Envie-nos a sua opinião!

Se preferir receber o caderno por e-mail ou pelo correio ou se conhece alguém que gostasse de o receber, envie um e-mail para: [cadernodeoracaovd@gmail.com](mailto:cadernodeoracaovd@gmail.com)

O Caderno de Oração está disponível em formato PDF no site da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

[lisboa.verbumdei.org](http://lisboa.verbumdei.org)

Equipa do Caderno de Oração  
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

---

Ana Horgan Ulrich  
Andreia Alexandre  
António Azevedo  
Cristina Mesquita  
Filipa Ramalhete  
Francisco Valles  
Joana Galvão Teles  
João Ricardo Moreira  
Manuela Cerejeira  
Marta Valles  
Paula Mourão  
Paulo Vieira  
Pilar Bazo (Missionária VDei)  
Sofia Palminha  
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

---

Luís Leal  
Regina Homem de Mello  
Teresa Ferreira

Comentários e sugestões para:  
[\*\*cadernodeoracaovd@gmail.com\*\*](mailto:cadernodeoracaovd@gmail.com)

## Deixo-vos a Paz

4	INTRODUÇÃO
	<b>PARTE I   Quaresma</b>
8	14 fevereiro - Convertei-vos de todo o coração
13	18 fevereiro - Como construir Paz? Converte-te e crê no Evangelho
18	25 fevereiro - Sê inteiro no tempo e na esperança de Deus
24	3 março - Cristo é poder e sabedoria de Deus
28	10 março - Luz de verdade e vida
32	17 março - Só Tu tens Palavras de Vida
	<b>PARTE II   Semana Santa e Páscoa</b>
38	24 março - “Hossana! Hossana!”, “Crucifica-O!”
43	28 março - Celebrar a Páscoa!
48	29 março - Escolher amar sempre e até ao fim
55	30 março - Esta é a noite!
61	31 março - A Ressurreição está a Acontecer
	<b>PARTE III   Textos da Igreja</b>
68	Introdução
69	Mensagem do Papa Francisco para a celebração do Dia Mundial da Paz 2024
74	Mensagem do Papa Francisco para a celebração do Dia Mundial do Doente 2024
76	Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma 2024
79	Vigília do 61º Aniversário da Verbum Dei

## Deixo-vos a Paz

A proposta do título deste caderno é muito desafiante! Quando olhamos para o mundo à nossa volta, ela parece impossível, uma utopia!

Certamente que não é fácil acreditar que Jesus nos veio mostrar um caminho de Paz. Antes se diria que, ao caminhar pelas estradas do Seu mundo, há 2000 anos, e, também, ao caminhar pelo nosso mundo, hoje, Jesus Se depara com todas as guerras e com corações fechados com fechos de pedra e aço ferrugento.

Há alguém diferente, com um coração mole, aconchegante? Com possibilidades de esperança e de paz?

Isso é o que procura o nosso Deus: corações e vidas amorosas, consigo mesmos e com os outros.

Nós, os cétricos, pensamos: “Coitado do Senhor! Tanto esforço e não o tem conseguido...!”. Mas Deus é fiel aos Seus princípios. É resiliente e não desiste. Desde a criação, Deus comunicou, e continua a comunicar de muitas formas e maneiras, o Seu sonho: quer uma terra que esteja longe do caos.

Os patriarcas procuram uma terra de promessa na qual todos vivam em paz; os profetas, como Isaías, animam-nos a viver uma coexistência pacífica: cada um consigo mesmo, com toda a criação e com o Criador (Is 2, 5; Is 11, 13, Is 25, 6-9). E esse Deus, desde sempre comprometido com o Seu sonho, não perde força nem criatividade e vem falar-nos: Ele próprio nos vem falar ao encarnar em Jesus (Heb 1, 1-9).

E Deus, em Jesus, não fala de uma forma qualquer, mas fala alto e claro: faz-se menino, pequeno, pobre e indefeso, envolto em panos

e deitado nas palhas (Lc 2, 12). E rasga os céus para pôr a Sua tenda entre nós (Jo 1).

Desde o momento em que Deus Se faz homem em Jesus, sabemos o caminho. Jesus passou fazendo o bem, para nos mostrar o caminho de construção de uma Humanidade fraterna, justa, solidária, de bom coração, pacífica e pacificadora.

Esta caminhada de Jesus tem uma grande intencionalidade: mostrar-nos o caminho, o verdadeiro caminho, porque Ele é o caminho, a verdade e a vida (Jo 14, 6). E, para isso, não Se poupou em nada. Na Quaresma, contemplamos esse percurso de Jesus, que não foi isento de dificuldades: esse caminho de perseguição, de ser incompreendido, de ser tratado como um revolucionário, de ser torturado, desrespeitado, acusado de gerar conflitos, perigoso... Ele, que era o dador de paz! *“Deixo-vos a paz: dou-vos a minha paz”* (Jo 14, 27).

O desejo de Deus, através de Jesus, é o de ser artífice e construtor de paz. De tal forma que, depois da Ressurreição, no Seu primeiro encontro com os apóstolos (Jo 20, 21), Ele insiste em saudá-los com a Paz.

Atualmente, alguns padres ao terminarem a Missa dizem: “Ide em paz, construí a paz e que o Senhor dador de paz vos acompanhe”, e nós respondemos “amém”, que quer dizer “assim seja, assim o faremos”. Francamente, gosto muito deste compromisso final da Eucaristia.

Agora, a pergunta que se nos coloca é: quando saímos da Missa e vamos para casa, ou para o trabalho, ou jantar com amigos ou com a família... construímos verdadeiramente a paz?

Será que, este ano, a morte e Ressurreição de Jesus vai, através de nós, conquistar a paz para o Mundo?

Apesar de haver alguns que pretendem conseguir a paz alimentando as guerras, não nos esqueçamos que nós somos convidados a construir a Paz. Não como o faz o Mundo (Jo 14, 27), mas sim com corações de carne, que batem sentimentos de paz, com um coração ao ritmo de Deus (Cfr Ez 36, 26-28).

parte I

Quaresma

---

## Converti-vos de todo o coração

Jl 2,12-18    «Diz agora o Senhor: “Converti-vos a Mim de todo o coração, com jejuns, lágrimas e lamentações. Rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos. Converti-vos ao Senhor, vosso Deus, porque Ele é clemente e compassivo, paciente e misericordioso, pronto a desistir dos castigos que promete. Quem sabe se Ele não vai reconsiderar e desistir deles, deixando atrás de Si uma bênção, para oferenda e libação ao Senhor, vosso Deus? Tocai a trombeta em Sião, ordenai um jejum, proclamai uma reunião sagrada. Reuni o povo, convocai a assembleia, congregai os anciãos, reuni os jovens e as crianças. Saia o esposo do seu aposento e a esposa do seu tálamo. Entre o vestíbulo e o altar, chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, dizendo: ‘Perdoai, Senhor, perdoai ao vosso povo e não entregueis a vossa herança à ignomínia e ao escárnio das nações. Porque diriam entre os povos: Onde está o seu Deus?’”. O Senhor encheu-Se de zelo pela sua terra e teve compaixão do seu povo.» (Jl 2, 12-18)

«(...) Tu, porém, quando rezares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora a teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê o que está oculto, te dará a recompensa. Quando jejuardes, não tomeis um ar sombrio, como os hipócritas, que desfiguram o rosto, para mostrarem aos homens que jejuam. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando jejuares, perfuma a cabeça e lava o rosto, para que os homens não percebam que jejuas, mas apenas o teu Pai, que está presente em segredo; e teu Pai, que vê o que está oculto, te dará a recompensa.» (Mt 6, 1-6. 16-18)

osto muito da Quarta-Feira de Cinzas. Gosto da sensação de que podemos sempre recomeçar, renascer, converter-nos, de que é sempre hora de nos arrependermos e acreditarmos no Evangelho – como nos é dito quando nos impõem as cinzas na missa deste dia. É uma missa muito bonita, a que só há alguns anos comecei a ir. Nem sempre é fácil, é dia de semana, de trabalho, a seguir ao Carnaval, mas faço um esforço para não perder esse momento, em que assinalamos o início da Quaresma.

A Quaresma é uma caminhada que se repete todos os anos, e podemos pensar que esta é apenas mais uma Quarta-Feira de Cinzas, que é mais um ritual. À medida que vamos envelhecendo, e na voragem desta época tão acelerada, nestes tempos em que o mundo nos parece tão incerto, podemos ter a tentação de não aproveitar a incrível oportunidade que esta época nos oferece de trabalhar a nossa fé e a nossa relação com Deus e com Jesus. Mas, se pensarmos bem, na primeira Quaresma, na Páscoa de Jesus, os tempos não eram menos incertos ...

As leituras de hoje apelam a que demos tempo ao tempo de trabalhar a nossa conversão. Deus sabe onde nós estamos. Ele é “clemente e compassivo, paciente e misericordioso”. Está à nossa espera, sabendo que somos sempre lentos no caminhar, que nem sempre somos capazes de dar os passos de aproximação, de reconciliação (connosco próprios, com Ele, com os outros). E desafia-nos a fazê-lo (o que é muito bonito) no nosso interior, com discrição e humildade, sem grande alarde. “Rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos”, “quando rezares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora a teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê o que está oculto, te dará a recompensa” dizem-nos as leituras. É um grande desafio da Quaresma, o da oração em recolhimento – porque precisamos de tempo, de disposição – mas é também um convite para nos sentarmos a conversar com Deus, a ver como está

a nossa relação com Ele, a olhar para a vida e para a mensagem de Jesus, e a perceber como está a nossa vida enquanto Seus discípulos.

Os pilares da Quaresma são a oração, o jejum e a caridade. A oração exige tempo, o jejum abnegação e a caridade exige ambos. Poderíamos perguntar: de que posso jejuar para ter tempo para me recolher em oração? Talvez de umas horas a menos ao telemóvel, talvez de outra coisa, algum tempo decerto vou encontrar. E como posso orientar a minha oração para ver como estou na relação com Deus e com os outros? Quem precisa de mim, do meu tempo, da minha ajuda?

A leitura de hoje, do livro de Joel, diz-nos ainda “Reuni o povo, convocai a assembleia, congregai os anciãos, reuni os jovens e as crianças.” Esta caminhada quaresmal, apesar de ser um apelo à interioridade, não tem de ser feita em solidão. A nossa comunidade, ou uma comunidade onde nos sintamos bem, terá certamente, para além da Eucaristia, propostas de oração, dias destinados à Reconciliação. Aproveitemos tudo o que nos possa ajudar neste recomeço.

Boa Quaresma!



*“Convertei-vos a mim. A Quaresma é uma viagem de regresso a Deus que lança um apelo ao nosso coração. Na vida, sempre teremos coisas a fazer e desculpas a apresentar, mas agora é tempo de regressar a Deus. A Quaresma é uma viagem que envolve toda a nossa vida, tudo de nós mesmos. É o tempo para verificar as estradas que estamos a percorrer, para encontrar o caminho que nos leva de volta a casa, para redescobrir o vínculo fundamental com Deus, do qual tudo depende. A Quaresma não é compor um ramalhete espiritual; é discernir para onde está orientado o coração. Tentemos saber: Para onde me leva o «navegador» da minha vida, para Deus ou para mim mesmo? Vivo para agradar ao Senhor, ou para ser notado, louvado, preferido? Tenho um coração «dançarino» que dá um passo para a frente e outro para trás, amando ora o Senhor ora o mundo, ou um coração firme em Deus? Sinto-me bem com as minhas hipocrisias ou luto para libertar o coração da simulação e das falsidades que o têm prisioneiro?*

*(...) Depois precisamos de regressar a Jesus, fazer como aquele leproso curado que voltou para Lhe agradecer. Somos chamados também a regressar ao Espírito Santo. As cinzas na cabeça lembram-nos de que somos pó e ao pó voltaremos.*

*(...) O que nos faz regressar a Deus não são as nossas capacidades nem os méritos que ostentamos, mas a sua graça que temos de acolher. Disse-o claramente Jesus no Evangelho: o que nos torna justos não é a justiça que praticamos diante dos homens, mas a relação sincera com o Pai. O início do regresso a Deus é reconhecermo-nos necessitados d’Ele, necessitados de misericórdia. O caminho certo é este: o caminho da humildade.*

*(... ) Hoje inclinamos a cabeça para receber as cinzas. Quando terminar a Quaresma, abaixar-nos-emos ainda mais para lavar os pés dos irmãos. A Quaresma é uma descida humilde dentro de nós e rumo aos outros.”*

(Papa Francisco, homilia da Quarta-Feira de Cinzas 2021 (excertos))

## Como construir Paz? Converte-te e crê no Evangelho

- Gn 9,8-15 «Naquele tempo, o Espírito levou Jesus para o deserto. E ele ficou no deserto durante quarenta dias, e ali foi tentado por Satanás. Viviam entre os animais selvagens, e os anjos
- Sl 24 (25) O serviam. Depois que João Batista foi preso, Jesus foi para a Galileia, pregando o Evangelho de Deus e dizendo: “O tempo já se completou e o Reino de Deus está próximo. Convertei-vos e crede no Evangelho!”»
- 1 Pd 3,18-22
- Mc 1,12-15
- (Mc 1,12-15)



**D**eus, Tu quiseste fazer uma aliança connosco, deste-nos o Teu Filho e, pelo batismo, nós aceitámos ser parte dessa aliança. O que queres de nós? O que sonhas para o mundo? Queres e chamas-nos a viver essa aliança, hoje, neste mundo.

Mas, como será isso, se o mundo está cada vez “pior”, entre guerras de poder, de dinheiro, de interesses, de egos, de religiões, em que as diferenças e os desejos de cada um falam mais alto e em que as nossas fragilidades não permitem que o bem comum e uma coexistência pacífica vençam?

Este é o tema que tem invadido as conversas profissionais, familiares, políticas, entre amigos, entre vizinhos, no bairro, na comunidade, nas igrejas, pois enfrentamos diversos desafios. Muitas vezes, o desejo e a convicção de que o bem pode vencer o mal, do recurso a meios de paz, tornam-se pouco credíveis e ingénuos...

No entanto, **contemplemos a história e a vida de Jesus**, desde o seu nascimento numa manjedoura, envolto em panos, com os animais, sem “lugar” para nascer, exposto a todos os que viessem vê-Lo, de todas as culturas, estratos sociais, partes do mundo, profissões, géneros, convicções, numa parte do mundo que tem estado sempre dividida, em que os conflitos perduram ao longo dos tempos, independentemente das mudanças ocorridas no mundo. E logo que nasceu, depressa teve de fugir, porque Lhe queriam mal. E foi aí que Jesus nasceu, cresceu, peregrinou, viveu, morreu e Ressuscitou. Jesus viveu rodeado de conflitos e morreu por não ter sido aceite, por ser alvo de conflito, pelas nossas fragilidades, pelos nossos medos, pelas nossas faltas de fé, de acolhimento, de amor, pelas nossas inseguranças e invejas...

**Passando para o nosso tempo e vidas**, para os nossos contextos

mundiais, nacionais, familiares, profissionais, pessoais, comunitários, em que o mundo evoluiu e as distâncias se encurtaram, quer pela mais fácil mobilidade, quer pela inovação tecnológica, mas em que os conflitos existem, que a natureza humana continua cheia de falhas e limitações, as mesmas fragilidades, medos... o que escolho ser? Como me posiciono? O que me move?

Acreditamos realmente na vida de Jesus, na Sua Palavra e Testemunho, e que Ele também nos chama a segui-Lo e que cada um pode também fazer a diferença? Ou julgamos que a nossa quota-parte é pequena e não é assim tão relevante, que não vai mudar nada? É aqui que podemos confirmar a nossa fé.

### **“O Espírito levou Jesus para o deserto”**

Nesta escolha de caminho, o Espírito pode levar-nos a desertos, momentos em que tudo o que era claro e com sentido deixa de o ser, abrindo espaço a tentações: dúvida, autossuficiência, ceder ao caminho mais fácil, querer tudo mais rapidamente, fraquezas, excessos, vitória do ego sobre a essência, o desejo e procura ávidos de ter um “lugar” em vez de sermos nós esse lugar. Os desertos existem. O mal existe. E somos chamados a viver com isso, é neste mundo que Deus quer que ajamos e atuemos.

### **“O tempo já se completou e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no Evangelho”**

Deus não nos deixa sós nesses desertos. Enviou-nos o Filho e a Sua Palavra, enviou-nos uma mãe, Maria, enviou-nos o Espírito, que nos guia em qualquer lugar e em qualquer crise, e envia-nos anjos que nos servem. É preciso, como Jesus, vivermos nos desertos, identificarmos as tentações, mas sobretudo os anjos, que nos servem, e discernirmos os caminhos de conversão. São esses que nos fazem trabalhar o nosso interior, a nossa forma de agir, de amar, de viver, para podermos construir o sonho de Deus: aliança e paz entre nós e com Ele.

Nestes tempo e lugar concretos, que são o mundo, o país, o local de trabalho, a família, o bairro, a comunidade, a igreja, a minha vida, que caminhos de paz com Deus, comigo próprio(a) e com os outros posso escolher seguir?

Que desertos, que tentações vivo hoje, o que me faz querê-los e como posso aprender a ultrapassá-los? Quem são os anjos enviados por Deus que me ajudam? Como posso escolher diferente do que tenho consciência que me faz mal?

Como tenho escolhido e decidido os caminhos (pequenos ou grandes) na minha vida? Quem é a minha Estrela? Que gestos de amor e Ressurreição estão ao meu alcance nesta Quaresma? Acredito que a Deus nada é impossível e que Ele me ama e me transforma?



*«Queridos irmãos, iniciamos o ano e certamente ainda precisamos olhar verdadeiramente para Jesus, colocar Nele os nossos olhos, os olhos do nosso coração. E com esse olhar, olharmos para nós próprios e dizermos: “A confiança tem de vencer o medo. O chamamento de Deus, a Sua promessa, tem de vencer a imobilidade, as nossas resistências, a nossa instalação”.*

*Neste tempo de epifania nós temos de nos descobrir com uma juventude de coração, uma juventude interior, e temos de trocar os nossos sapatos por sandálias, temos de trocar os nossos lugares parados, os nossos lugares “daqui ninguém me move, daqui não saio” por um desejo de estrada, por um desejo de caminho.*

*Vamos tentar, vamos recomeçar, vamos acreditar na conversão, na transformação interior, nessa requalificação da nossa vida. Requalificação espiritual, ética, ontológica, viver com maior autenticidade. Isso é o grande desafio, é o desafio que o próprio Deus com a Sua força, a Sua misericórdia, sustenta em cada um de nós.*

*(...)*

*Que das nossas quedas, das nossas falhas, a gente possa sempre reencontrar um coração inteiro, um coração que acredita.»*

(Cardeal D. José Tolentino de Mendonça, janeiro 2024)

## Sê inteiro no tempo e na esperança de Deus

Gn 22,1-2. 9a.10-13.15-18      «Naqueles dias, Deus quis pôr à prova Abraão e chamou-o: “Abraão!”. Ele respondeu: “Aqui estou”. Deus disse: “Toma o teu filho, o teu único filho, a quem tanto amas, Isaac, e vai à terra de Moriá, onde o oferecerás em holocausto, num dos montes que Eu te indicar”. Quando chegaram ao local designado por Deus, Abraão levantou um altar e colocou a lenha sobre ele. Depois, estendendo a mão, puxou do cutelo para degolar o filho. Mas o Anjo do Senhor gritou-lhe do alto do Céu: “Abraão, Abraão!”. “Aqui estou, Senhor”, respondeu ele. O Anjo prosseguiu: “Não levantes a mão contra o menino, não lhe faças mal algum. Agora sei que na verdade temes a Deus, uma vez que não Me recusaste o teu filho, o teu filho único”. Abraão ergueu os olhos e viu atrás de si um carneiro, preso pelos chifres num silvado. Foi buscá-lo e ofereceu-o em holocausto, em vez do filho. O Anjo do Senhor chamou Abraão do Céu pela segunda vez e disse-lhe: “Por Mim próprio te juro – oráculo do Senhor – já que assim procedeste e não Me recusaste o teu filho, o teu filho único, abençoar-te-ei e multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar, e a tua descendência conquistará as portas das cidades inimigas. Porque obedeceste à minha voz, na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra”.»  
(Gn 22, 1-2. 9a. 10-13. 15-18)



Esta é uma leitura sobejamente conhecida, lida/ouvida vezes sem conta... e o problema é que, por isso, acabamos por deixar escapar alguns detalhes que nos podem ajudar a ir caminhando na relação que desejamos construir com Deus.

Permitam-me começar por aquilo que poderíamos chamar de “pormenores desafiantes” (que me ressoam de modo especial): a imagem de um Deus que me “põe à prova” deixa-me sempre desconfortável (ainda que saiba que há um contexto e um tempo específicos em que cada palavra é dita/escrita). Não consigo responder em que medida um Deus de Quem a melhor definição que me foi dada é a de que Ele é a “plenitude do Amor” encaixa nesta perspetiva. Reconheço, no entanto, que uma existência humana, por si só, e na linha temporal em que ocorre, é sempre uma “prova complexa”. Em algum momento, surgem desafios, e acredito que Deus criador não quer (nem pode...) estar fora da existência da Sua criatura – que somos nós. Não vendo que Deus me põe diretamente à prova (ou a Abraão...), Deus permanece na Sua existência de forma ativa (ainda que não limitativa ou manipuladora!).

Assim, peço a Deus o dom de confiar que Ele me habita, assegurando-me, em tudo o que vivo, que o faço sempre de forma acompanhada.

O segundo ponto de reflexão, faço-o em tom de pergunta: “O que me pedes para Te oferecer, Senhor?” De facto, não sei exatamente o que Deus me pede, mas reconheço na minha vida momentos em que sou chamado a fazer “sacrifícios” (holocaustos...), que é o mesmo que dizer, situações e circunstâncias em que entrego a Deus a minha vida porque as minhas forças são demasiado curtas, o meu entendimento limitado e o meu amor demasiado corrompido. Em

suma, por muito que saiba, nada sei, por muito que queira controlar, nada controlo, e, por conseguinte, não me basto. Lembro-me (uma e outra vez) que a minha vida não é “minha”, mas que a “Deus pertence”.

Abraão entende que Deus lhe pede o sacrifício do seu filho. Por amor a Deus, Abraão entrega a vida do seu único filho, a quem mais ama. Acredito que existe nesta curta passagem muito para ser discutido do ponto de vista teológico, e não o saberia fazer... Deixo apenas uma interpelação: o Amor não compete, mas experimentar o Amor por Deus é o caminho para amar verdadeiramente (a mim mesmo, os outros e todas as coisas). Outra vez, o Amor de Deus não está “fora” do meu amor pelo meu filho, mas habita nele, tem o dom de o purificar. E saltando para a parte final da citação, a consequência disso mesmo é “(...) *Não levantes a mão contra o menino, não lhe faças mal algum.*” Se Deus é bom e o baluarte do Amor, d’Ele vem bem e não mal... Ainda assim, é bom que se reconheça que há mal, muita maldade, muitas coisas más, em grande medida por vivermos a nossa vida de forma egocêntrica, como consequência da nossa liberdade... As outras coisas más e que não as entendo (porque as há...), recordam-me uma vez mais que nada sei, que nada sou, da importância de ser humilde.

Entendo este texto sobre Abraão como que uma história de uma vida contada em uma dúzia de linhas... Abraão terá feito o seu caminho de “conversão”, de procura incessante de Deus, com avanços e muitos recuos. Terá “purificado” o seu Amor e isso foi marca para si e para os seus (e também para os seus descendentes...).

Enquanto refletia sobre estas pistas, veio-me (novamente) à memória uma linha de uma canção sobejamente conhecida: “Só Deus leva os que ama...” Esta linha é para mim, muitas vezes, um “grito de desesperança”, um desabafo do que não entendo e não

quero aceitar, pela minha incapacidade de aceitar o fim, qualquer que ele seja (sendo que na canção tratar-se-á da morte física). Gostaria de dar um outro sentido – Deus está nos que ama! Deus está em todos, habita-nos! Deus “não me leva”, Deus prometeu em Jesus que permanece e permanecerá sempre em mim! E não há morte alguma que me possa tirar isso!

**125 Azul**

*... Foi sem mais nem menos  
Que um dia selei a 125 azul  
Foi sem mais nem menos  
Que me deu para abalar sem destino nenhum*

*... Foi sem graça nem pensando na desgraça  
Que eu entrei pelo calor  
Sem pendura que a vida já me foi dura  
P'ra insistir na companhia*

*... O tempo não me diz nada  
Nem o homem da portagem na entrada da auto-estrada  
A ponte ficou deserta nem sei mesmo se Lisboa  
Não partiu para parte incerta  
Viva o espaço que me fica pela frente e não me deixa recuar  
Sem paredes, sem ter portas nem janelas  
Nem muros para derrubar*

*... Talvez um dia me encontre  
Assim talvez me encontre*

*... Curiosamente dou por mim pensando onde isto me vai levar  
De uma forma ou outra há-de haver uma hora para a vontade de parar  
Só que à frente o bailado do calor vai-me arrastando para o vazio  
E com o ar na cara, vou sentindo desafios que nunca ninguém sentiu*

*... Talvez um dia me encontre  
Assim talvez me encontre*

*... Entre as dúvidas do que sou e onde quero chegar  
Um ponto preto quebra-me a solidão do olhar  
Será que existe em mim um passaporte para sonhar  
E a fúria de viver é mesmo fúria de acabar*

*... Foi sem mais nem menos  
Que um dia selou a 125 azul  
Foi sem mais nem menos  
Que partiu sem destino nenhum  
Foi com esperança sem ligar muita importância àquilo que a vida quer  
Foi com força acabar por se encontrar naquilo que ninguém quer*

*... Mas Deus leva os que ama  
Só Deus tem os que mais ama*

(letra de Luís Represas, Trovante)

## Cristo é poder e sabedoria de Deus

Ex 20,1-17 «A lei do Senhor é perfeita,  
ela reconforta a alma;

Sl 18 (19) as ordens do Senhor são firmes,  
dão sabedoria aos simples.

1 Cor 1,22-25

Os preceitos do Senhor são rectos  
e alegam o coração;  
Jo 2,13-25 os mandamentos do Senhor são claros  
e iluminam os olhos.

O temor do Senhor é puro  
e permanece para sempre;  
os juízos do Senhor são verdadeiros,  
todos eles são rectos.

São mais preciosos que o ouro,  
o ouro mais fino;  
são mais doces que o mel,  
o puro mel dos favos.»  
(Salmo 18 (19), 8. 9. 10. 11)

«Os judeus pedem milagres e os gregos procuram a sabedoria. Quanto a nós, pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios; mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.»

(1Cor 1, 22-25)



As leituras de hoje desafiaram-me a questionar um pouco tudo... o que vivo, o que me move, o que me sustenta, a minha fé, a minha oração e as minhas relações.

Gostei muito do Salmo! Senhor, tens palavras de vida eterna. A lei do Senhor é perfeita, recompensa a alma, dá sabedoria aos simples. As ordens são firmes, rectas, alegram o coração. Os mandamentos são claros e iluminam os olhos. O amor do Senhor é puro, permanece para sempre, os Seus juízos são verdadeiros, rectos, são preciosos e doces!

Senhor, a Tua lei é o Amor! E o Amor é tudo isto!

Jesus, olho para a Tua vida e, nela, a Oração é um pilar importante! Estar com Deus, Teu pai, era o Teu alimento, suporte, a Tua força. A oração ajudava-Te a discernir o que viver/amar, como viver/amar, e por que viver/amar dessa forma.

A Tua coerência com o que dizes, pensas, sentes e fazes impressiona-me!

Ensinaste-nos o Pai Nosso e a Tua vida foi exemplo da concretização dessa oração, desde sempre e até no fim, na cruz. O Pai está no Teu coração e Tu no 'O mostraste e deste a conhecer; não foi por Tua vontade, mas para mostrar o amor de Deus, que sofreste tanto. O Amor do Pai era o Teu suporte e o Teu alimento. Perdoaste aos que Te crucificaram, e aos que Te abandonaram.

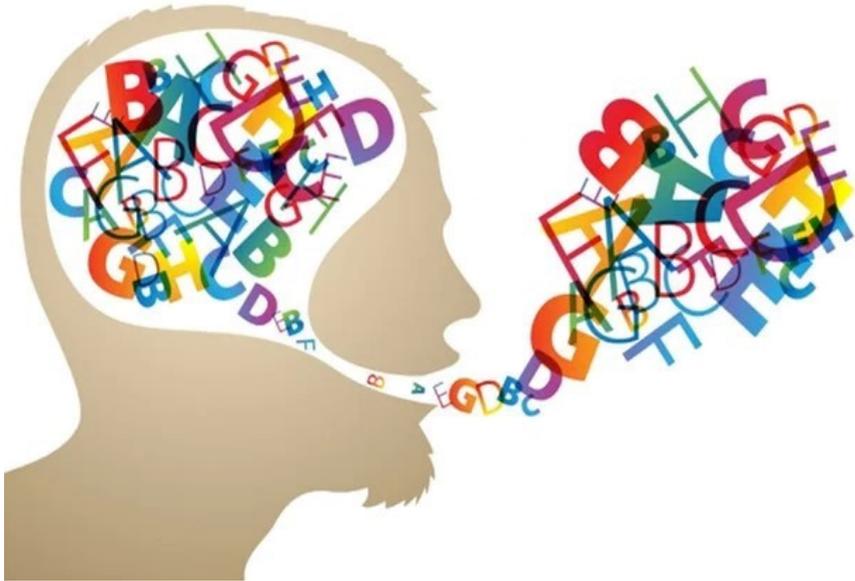
Olho para Ti na cruz. O que significa para mim a Tua morte, assim, na cruz?

Fracasso? Escândalo? Coerência de vida? Sabedoria e poder de Deus? Amor? Entrega?

O que procuro em Ti? Milagres? Que resolvas os meus problemas e os problemas dos outros que me angustiam? Suporte e força? Conforto? Amor? Orientação? Discernimento? Ajuda para ver a realidade com os Teus olhos e coração?

Jesus, como vivo a minha fé? Como vivo as contrariedades da vida?  
Jesus, como vejo a minha vida? O que me orienta? O que me suporta?  
Como amo os outros?  
Jesus, como olhas Tu para a minha vida?

Senhor, obrigada por tudo! Obrigada por estares sempre connosco!  
Obrigada por nos desafiares a amar e a viver melhor! Obrigada por nos ajudares a ver as contrariedades como oportunidades de crescimento e de amor. Obrigada por nos chamares e nunca desistires de nós, mesmo com as nossas fraquezas e quedas. Obrigada por tudo!



## Pedir sabedoria

*Dá, Senhor, à nossa vida a tua sabedoria. Ajuda-nos a jejuar das palavras que são paredes que te escondem, das palavras onde o amor não emerge, das palavras confusas, monocórdicas, cacofónicas, extenuadas. Das palavras defensivas como barreiras de arame ou atiradas hostilmente como pedras. Das palavras que não nascem de escuta, mas de surdez interior. Das palavras que papagueiam apenas presunção e alarde. Das palavras que paralisam a comunicação. Das palavras que nada mais permitem senão palavras. Que o nosso coração se abra ao silêncio ativo, presente e comprometido que é a marca da hospitalidade verdadeira. Dá-nos a força de insinuar, nos invernos rotineiros das relações, o ramo verde, a inesperada flor, o irreprimível convite que tu fazes a um renascer.*

(José Tolentino Mendonça, Rezar de olhos abertos)

## Luz de verdade e vida

- 2 Cr 36,14-16.19-23 «Naquele tempo, disse Jesus a Nicodemos: “Assim como Moisés elevou a serpente no deserto, também o Filho do homem será elevado, para que todo aquele que acredita tenha nele a vida eterna”.
- Sl 136 (137)
- Ef 2,4-10 Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita nele não pereça, mas tenha a vida eterna.
- Jo 3,14-21

Porque Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele.

Quem acredita nele não é condenado, mas quem não acredita nele já está condenado, porque não acreditou no nome do Filho Unigénito de Deus.

E a causa da condenação é esta: a luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque eram más as suas obras.

Todo aquele que pratica más ações odeia a luz e não se aproxima dela, para que as suas obras não sejam denunciadas.

Mas quem pratica a verdade aproxima-se da luz, para que as suas obras sejam manifestas, pois são feitas em Deus”.»

(Jo 3,14-21)



tempo da cruz aproxima-se. É o próprio Jesus que o anuncia a Nicodemos. Não é o meu tempo favorito: relembro a manipulação do povo, a frieza de coração dos poderosos, a traição dos melhores amigos, o sofrimento, a injustiça. Sinto, pois, uma mistura de tristeza pelo imenso sofrimento do “meu” amigo Jesus, e culpa pelos vários “Cristos” que vou “condenando e crucificando” no meu dia a dia.

Penso, muitas vezes, se seria mesmo necessária a cruz para que acreditássemos em Jesus, nas Suas palavras, nas Suas obras. No entanto, é a fé nesta entrega total, dura e radical que nos dá a vida eterna, a plenitude enquanto seres humanos.

Deixar Jesus iluminar a nossa vida é um desafio permanente: a luz da verdade é tão bela quanto implacável, expondo a natureza das nossas ações, dos nossos pensamentos, as nossas mais reais e profundas intenções. Não admira que, de quando em vez, procuremos uma sombra! O desafio é precisamente permanecer o máximo tempo possível das nossas vidas na luz, sem chapéu de pala nem óculos de sol; não ter receio de ver as nossas falhas expostas, pois só assim poderemos corrigi-las e crescer.

Enquanto me questionava sobre se algum dia conseguiria que as minhas obras fossem sempre boas, veio-me à memória o final da 2ª leitura de hoje:

*“Porque é pela graça que estais salvos, por meio da fé. E isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque nós fomos feitos por Ele, criados em Cristo Jesus, para vivermos na prática das boas obras que Deus de antemão preparou para nelas caminharmos” (Ef 2, 8-10).*

Menos mal: não tem de ser só com o meu esforço, com a minha limitada capacidade, pois as boas obras já foram preparadas pelo

Senhor, para nelas caminharmos. No entanto, esta é talvez a minha maior sombra: fechar-me sobre mim próprio, não ouvir a voz de Deus, não ver que Ele me acompanha, esquecer-me de que não é sozinho que me salvo, mas pela Sua graça. É isto que me afasta dos outros, que endurece o meu coração, que me torna menos tolerante e capaz de acolher, de escutar, de estar atento e descobrir as necessidades e dificuldades do outro. Será que crescer na fé é apenas aprender a estar mais disponível para receber as graças de Deus?

Na verdade, é pela Sua graça que seremos capazes de amar mais e melhor. Perdoar e pedir desculpa, ser misericordiosos e sentir compaixão.



*A misericórdia de Deus transforma o coração do homem e fá-lo experimentar um amor fiel, tornando-o assim, por sua vez, capaz de misericórdia. É um milagre sempre novo que a misericórdia divina possa irradiar-se na vida de cada um de nós, estimulando-nos ao amor ao próximo e animando aquilo que a tradição da Igreja chama as obras de misericórdia corporal e espiritual. Estas recordam-nos que a nossa fé se traduz em actos concretos e quotidianos, destinados a ajudar o nosso próximo no corpo e no espírito (...)*

*Diante deste amor forte como a morte (cf. Ct 8, 6), fica patente como o pobre mais miserável é aquele que não aceita reconhecer-se como tal. Pensa que é rico, mas na realidade é o mais pobre dos pobres. E isto porque é escravo do pecado, que o leva a utilizar riqueza e poder, não para servir a Deus e aos outros, mas para sufocar em si mesmo a consciência profunda de ser, ele também, nada mais que um pobre mendigo (...)*

*Portanto, a Quaresma (...) é um tempo favorável para todos poderem, finalmente, sair da própria alienação existencial, graças à escuta da Palavra e às obras de misericórdia.*

(Papa Francisco, Mensagem para a Quaresma 2016)

## Só Tu tens Palavras de Vida

- Jr 31,31-34 «Dias virão, diz o Senhor, em que estabelecerei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma aliança nova (...): hei de imprimir a minha lei no íntimo da sua alma e gravá-la-ei no seu coração. Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. (...) Todos eles Me conhecerão, desde o maior ao mais pequeno.»  
(Jer 31)
- Sl 50 (51)
- Hb 5,7-9
- Jo 12,20-33

«Compadecei-Vos de mim, ó Deus, pela vossa bondade, pela vossa grande misericórdia, apagai os meus pecados.  
(...)

Criai em mim, ó Deus, um coração puro e fazei nascer dentro de mim um espírito firme.  
(...)

Dai-me de novo a alegria da vossa salvação e sustentai-me com espírito generoso.»  
(Sl 50)

«Nos dias da sua vida mortal, Cristo dirigiu preces e súplicas, com grandes clamores e lágrimas, Àquele que O podia livrar da morte e foi atendido por causa da sua piedade. Apesar de ser Filho, aprendeu a obediência no sofrimento e, tendo atingido a sua plenitude, tornou-Se para todos os que Lhe obedecem causa de salvação eterna.»  
(Hb 5)

«(...) Jesus respondeu-lhes: “Chegou a hora em que o Filho do homem vai ser glorificado.

Em verdade, em verdade, vos digo: se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só; mas, se morrer, dará muito fruto. Quem ama a sua vida, perdê-la-á, e quem despreza a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna. (...)

Agora a minha alma está perturbada. E que hei de dizer? Pai, salva-Me desta hora? Mas por causa disto é que Eu cheguei a esta hora. Pai, glorifica o teu nome”. Veio então do Céu uma voz que dizia: “Já O glorifiquei e tornarei a glorificá-LO”.»

(Jo 12,20)

**P**reparo estas pistas ainda em tempo de Natal... Jesus, acabaste de nascer e de Te manifestar ao mundo de uma forma simples e acessível a todos. Durante algum tempo, acompanharemos a Tua vida na terra e, numa semana, reviveremos a tua paixão e morte. A vida é (parece) breve e fugaz, complexa, imprevisível, misteriosa... mas (acredito que também) maravilhosa.

No meio desta “vida louca”, tenho cada vez menos “certezas” e “seguranças”.

Mesmo aqueles que nos são mais queridos e desde sempre foram para nós sinónimo de força e consolo, também têm as suas limitações e fragilidades. Algumas situações que ocorrem nas nossas vidas (para não falar no resto do mundo!) pareciam ser impensáveis, impossíveis de acontecer, por todo o sofrimento e desequilíbrio que trazem.

Uma amiga, a viver vários desafios da “meia-idade” (incluindo família nuclear, família alargada, trabalho, projetos, propósito de vida), dizia-me “estou a ficar cansada, um pouco louca, dou por mim a ter pensamentos e sentimentos que não quero, não quero tornar-me numa pessoa amarga com a vida”.

Compreendo-a perfeitamente e por vezes também me revejo nesta situação.

Nesses momentos, vem-me à lembrança a pergunta que Pedro faz a Jesus:

*“Senhor, a quem iremos? Só tu tens palavras de vida”* (Jo 6,68).

Reparei que esta questão já contém a resposta.

Em qualquer altura, mas sobretudo no momento existencial em que estamos, a primeira coisa a fazer é ir ter com Jesus, falar-Lhe sobre tudo, questionar, ouvir, desfrutar da Sua companhia.

Porquê? Para quê?

Porque precisamos de fazer aliança com Deus, receber a Sua Lei (na alma, no coração) (cf Jr 31).

Partilhar da compaixão, misericórdia e generosidade de Deus.

Deixar que Deus crie em nós um coração puro e um espírito firme.

Receber de novo a alegria da salvação (cf Sl 50).

Aprender com Jesus a viver todos os momentos, mas sobretudo os mais perturbadores, pois só Ele poderá responder com a plenitude da vida eterna.

*“Agora a minha alma está perturbada. E que hei de dizer? Pai, salva-Me desta hora? Mas por causa disto é que Eu cheguei a esta hora”* (Jo 12,20).

Não ter medo de viver o que a vida nos traz, mesmo que não seja o que sonhámos, mesmo que seja difícil, mesmo duro. E não se trata apenas de não ter medo, é mais do que isso, é confiar que nunca estamos sós, que as nossas “mortes”, as nossas entregas, não serão em vão. E que no fim tudo acabará bem, apesar de tudo!

*“Em verdade, em verdade, vos digo: se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só; mas, se morrer, dará muito fruto. Quem ama a sua vida, perdê-la-á, e quem despreza a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna”* (...) (Jo 12,20).

Quem ama, também sofre. Se quisermos fugir ou esconder-nos do sofrimento, não estaremos a viver verdadeiramente, connosco e com os outros.

É confiar que todo o caminho é salvação, é amor, é plenitude.

Jesus, termino estas pistas com a mesma frase com que comecei: No meio desta “vida louca”, tenho cada vez menos “certezas” e “seguranças”. Obrigada por seres a minha “certeza” e a minha “segurança”.

A Tua glória, a glória de Deus, é o abraço eterno a cada um de nós, e que inclui todos, todos, todos!

*“Há gestos diariamente repetidos. Nem sempre produzem resultados imediatos. Apenas mais tarde germinarão. Por vezes, nem o próprio será testemunha do impacto do seu longo trabalho. Silencioso, invisível, banal. Cuidar de uma criança, por exemplo: conscientes do impacto futuro da qualidade de relação emocional vivida nos primeiros anos de vida, esta é uma tarefa contínua, que não pede nem espera reconhecimento.*

*Nada germina sem tempo de dedicação. Uma espera tranquila. Uma entrega com alma, essencial à existência em tudo quanto é bem-feito. A ideia de uma missão nunca completa. Diante de cada obra, o artista suíço Alberto Giacometti (1901-1966) descrevia a necessidade de recomeçar, tentar, falhar, de novo recomeçar”.*

(In “Harmonia” – Pedro Strecht)



## parte II      **Semana Santa e Páscoa**

## “Hossana! Hossana!”, “Crucifica-O!”

- Mc 11,1-10 «Muitos estenderam as suas capas pelo caminho;
- Is 50,4-7 outros puseram ramos que tinham cortado no campo.
- Sl 21 (22) E tanto os que seguiam à frente como os que vinham atrás exclamavam:
- Fl 2,6-11 “Hossana! Bendito o que vem em nome do Senhor!”»
- Mc 15, 1-39 (Mc 11)

«Os sumos sacerdotes acusavam-No de muitas coisas. (...)

Pilatos disse-lhes:

«Então que quereis que faça daquele a quem chamais rei dos judeus?»

Eles gritaram novamente: «Crucifica-O!»

Pilatos insistiu: «Que fez Ele de mal?»

Mas eles gritaram ainda mais: «Crucifica-o!»

Pilatos, desejando agradar à multidão, soltou-lhes Barrabás;

E, depois de mandar flagelar Jesus, entregou-O para ser crucificado. (...)

Depois, começaram a saudá-Lo: “Salve! Ó rei dos judeus!”.

Batiam-Lhe na cabeça com uma cana, cuspiam sobre Ele e, dobrando os joelhos, prostravam-se diante Dele. (...)

Para Lhe levar a cruz, requisitaram um homem que passava por ali ao regressar dos campos (...).

Eram umas nove horas da manhã, quando O crucificaram.

Na inscrição com a condenação, lia-se: “O rei dos judeus.”

Com Ele crucificaram dois ladrões, um à direita e o outro à esquerda. (...)

Ao chegar o meio-dia, fez-se trevas por toda a terra, até às três da tarde.

E, às três da tarde, Jesus exclamou em alta voz:

“Eloí, Eloí, lemá sabachtáni?”, que quer dizer ‘Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?’

(...) com um grito forte, expirou.

O centurião que estava em frente Dele, ao vê-lo expirar daquela maneira, disse:

“Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!”»

(Mc 15)



Em todo o ano, este Domingo é certamente aquele no qual a tensão entre duas realidades completamente opostas mais se faz notar.

Por um lado, vemos, na procissão e bênção dos ramos com que se inicia a celebração de hoje, que Jesus é aclamado triunfalmente ao entrar em Jerusalém; por outro, a leitura do Evangelho remete-nos para o Seu sofrimento, condenação e morte.

A multidão que O aclama como rei e estende capas pelo caminho à Sua passagem é a mesma que, dias depois, O trata como um criminoso e pede a Sua crucifixão.

“Hossana! Hossana!”, “Crucifica-O!”.

E eu pensava como é importante dialogarmos com Jesus estas duas circunstâncias.

Pensava como é fundamental pedirmos-Lhe que ilumine as nossas decisões, para não fazermos, nós também, como esta multidão incoerente.

Se os caminhos da vida nos conduzem a situações díspares e complexas, para as quais obviamente não temos solução, vivê-las com Jesus é a única forma de permanecer na verdade.

Vejo também neste texto um apelo forte à transparência. Há nesta narrativa várias mentiras, falsas acusações, atitudes de querer “salvar a pele” e parecer bem, de dizer uma coisa e fazer outra, e de, logo a seguir, desdizer o que se tinha dito e agir exatamente ao contrário.

Faz-me lembrar a política, nacional e internacional, as notícias que ouvimos quotidianamente e que nos deixam perplexos, porque não entendemos por que razão ontem nos era dito como verdade absoluta o que hoje é anunciado como completamente falso. Os cenários de guerra entre a Ucrânia e a Rússia e entre Israel e o Hamas são disso exemplo, tal como os recentes casos de corrupção no panorama político e social português.

Deus não nos quer longe da realidade nem alienados face ao que nos circunda. Pelo contrário, chama-nos a ser sal e luz, nos meios onde estamos inseridos.

Os textos deste Domingo são um apelo a que cada um veja, no íntimo do seu coração e quando entra no seu “quarto” para rezar (cf. Mt 6, 6), onde se posiciona – em casa, no casamento, na família, na escola, no trabalho, com os amigos...

Que reações tenho? Que decisões tomo? De que falo? Como vivo? Em que acredito?

Nestes Evangelhos, se me imaginar naquele contexto, lugar e momento, quem sou eu?

Estou entre a multidão que aclama Jesus, num dia, mas que, quando o ambiente é mais hostil, já não O conhece, fica em silêncio quando Ele é acusado ou quando ouve dizer mal do Papa ou da Igreja?

As narrativas da Paixão são cheias de detalhes, personagens e diálogos: os sumos-sacerdotes, Pilatos, Barrabás, um homem que vinha dos campos e que foi requisitado para levar a cruz, os dois ladrões crucificados na mesma ocasião, o centurião que reconhece em Jesus o Filho de Deus.

E também as mulheres que O seguiam, Maria, Sua Mãe, os discípulos, que ficam ao longe, amedrontados, Pedro, que O nega, João, que permanece, certamente tão assustado quanto os outros, etc, etc. E eu, onde estou? Quem sou, nesta história?

Que a minha oração deste dia seja acompanhar Jesus ao Calvário, deixar-me acompanhar por Ele e estar com os que sofrem, nos Calvários de hoje.

*"Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?": é a invocação que a Liturgia nos fez repetir hoje no Salmo Responsorial, sendo também – no Evangelho que ouvimos – a única pronunciada na cruz por Jesus. (...)*

*Na Bíblia, o verbo "abandonar" é forte; aparece em momentos de dor extrema: em amores fracassados, rejeitados e traídos; em filhos enjeitados e abortados; em situações de repúdio, viuvez e orfandade; em casamentos gorados, em exclusões que privam dos laços sociais, na opressão da injustiça e na solidão da doença. Em suma, nas mais drásticas dilacerações dos vínculos, aplica-se esta palavra: "abandono". Cristo levou tudo isto para a cruz, ao carregar sobre Si o pecado do mundo. E, no auge, Ele – Filho unigénito e predileto – experimentou a situação mais estranha no seu caso: o abandono, a distância de Deus.*

*E porque foi tão longe? Por nós; não há outra resposta. Por nós. (...)*

*Experimentou o abandono para não nos deixar reféns da desolação e permanecer ao nosso lado para sempre. Fê-lo por mim, por ti; para que, quando eu, tu ou qualquer outro se vir encurralado à parede, perdido num beco sem saída, precipitado no abismo do abandono, sorvido no redemoinho de tantos "porquês" sem resposta, saibamos que há uma esperança: Ele, uma esperança para ti, para mim. Não é o fim, porque Jesus esteve ali e agora está contigo: Ele que sofreu a distância causada pelo abandono para acolher no amor todas as nossas distâncias. (...)*

*Cristo, abandonado, impele-nos a procurá-Lo e a amá-Lo nos abandonados. (...)*

*Há povos inteiros explorados e deixados à própria sorte; há pobres que vivem nas encruzilhadas das nossas estradas e cujo olhar não temos a coragem de fixar; há migrantes, que já não são rostos, mas números; há reclusos rejeitados, pessoas catalogadas como problema. Há também muitos cristos abandonados, invisíveis, escondidos, que são descartados de forma "elegante": crianças*

*impedidas de nascer, idosos deixados sozinhos – podem porventura ser o teu pai, a tua mãe, o avô, a avó, abandonados nos lares de terceira idade –, doentes não visitados, pessoas portadoras de deficiência ignoradas, jovens que sentem dentro um grande vazio sem que ninguém escute verdadeiramente o seu grito de dor. E não encontram outra estrada senão o suicídio. São os abandonados de hoje. Os cristos de hoje.*

*Peçamos hoje esta graça: saber amar Jesus abandonado e saber amar Jesus em cada abandonado. Peçamos a graça de saber ver, reconhecer o Senhor que continua a clamar neles. Não permitamos que a sua voz se perca no silêncio ensurdecedor da indiferença. Não fomos deixados sozinhos por Deus; cuidemos de quem é deixado só. (...)*

(Papa Francisco na Praça de São Pedro  
Homilia do Domingo de Ramos, 2 de abril de 2023 (excertos)  
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2023/documents/20230402-omelia-palme.html>)



Espaços atuais de cruz

## Celebrar a Páscoa!

Ex 12,1-8.11-14 «Naqueles dias, o Senhor disse a Moisés e a Aarão na terra do Egito: “Este mês será para vós o princípio dos meses; fareis dele o primeiro mês do ano. Falai a toda a comunidade de Israel e dizei-lhe: No dia dez deste mês, procure cada qual um cordeiro por família, uma rês por cada casa. Se a família for pequena demais para comer um cordeiro, junte-se ao vizinho mais próximo, segundo o número de pessoas, tendo em conta o que cada um pode comer. Tomareis um animal sem defeito, macho e de um ano de idade. Podeis escolher um cordeiro ou um cabrito. Deveis conservá-lo até ao dia catorze desse mês. Então, toda a assembleia da comunidade de Israel o imolará ao cair da tarde. Recolherão depois o seu sangue, que será espalhado nos dois umbrais e na padieira da porta das casas em que o comerem. E comerão a carne nessa mesma noite; comê-la-ão assada ao fogo, com pães ázimos e ervas amargas. Quando o comerdes, tereis os rins cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão. Comereis a toda a pressa: é a Páscoa do Senhor. Nessa mesma noite, passarei pela terra do Egito e hei de ferir de morte, na terra do Egito, todos os primogénitos, desde os homens até aos animais. Assim exercerei a minha justiça contra os deuses do Egito, Eu, o Senhor. O sangue será para vós um sinal, nas casas em que estiverdes: ao ver o sangue, passarei adiante e não sereis atingidos pelo flagelo exterminador, quando Eu ferir a terra do Egito. Esse dia será para vós uma data memorável, que haveis de celebrar com uma festa em honra do Senhor. Festejá-lo-eis de geração em geração, como instituição perpétua”»

(Ex 12, 1-8.11-14)



Páscoa dos judeus é também a nossa Páscoa, é a Páscoa dos nossos avós, porque também eles foram cativos no Egito. Não interessa uma linhagem de sangue, antes devemos reconhecer nesta aliança um sentido espiritual profundo que atravessa gerações, que nos fala ao coração e compromete. A leitura convida-nos a acreditar que Deus nos libertou da escravidão, que nos fez sair do Egito, porque tem um projeto para o Seu povo, que nos desinstalou, porque a liberdade por vezes é mais difícil que a escravidão. Acima de tudo, a leitura convida-nos a fazer memória, a não viver exclusivamente para o presente, mas a celebrar todos os anos este feito maravilhoso que ocorreu por volta do ano de 1500 AC, ou seja, há 3500 anos! Santo Agostinho descreveu os Judeus como uma cultura de fósseis vivos, cuja preservação seria essencial para compreendermos a nossa fé. Somos seres em construção de forma transgeracional. Reconhecer isto é, antes de mais, um sinal de humildade e de homenagem a todos os que, ao longo de gerações, se sentaram à mesa para celebrar a Páscoa. O respeito pelas nossas tradições, pelo sentido de família e comunidade está intimamente ligado à nossa fé. A mesa onde a família se sinta e reúne é uma catequese viva, onde as tradições se confundem com certezas, onde as crianças encontram a rocha firme, aquilo a que vulgarmente chamamos “casa”.

O homem pós-moderno habituou-se a questionar tudo, a não aceitar qualquer tradição, rito ou crença. A não ver com o coração, antes a buscar de forma incessante a razão, numa eterna dissecação das coisas. Porquê o cordeiro? Porquê o sangue? Porquê a família... Muitas pessoas sentem a vertigem do fazer, de viver numa pressa permanente, de estarem ocupadas, como se um instante de paz e serenidade pudesse comprometer o seu propósito de vida. Essa paz é essencial para se poder contemplar a Deus. Para mergulharmos no mistério Pascal necessitamos, também, de gestos e ritos. Sim, é verdade que a Virgília Pascal demora muito tempo,

tem muitas leituras, muitos cânticos, mais a litania de todos os santos... Mas o que temos de realmente de importante para fazer...?

O nosso mundo não assiste apenas à degradação do património natural. Há um património imaterial que está em acentuada degradação, que corre o risco de desaparecer porque não temos tempo, nem paciência, porque somos pessoas demasiado modernas para aceitar a possibilidade de Deus operar na história da Humanidade e, em particular, em nós.



## Alegria e Paz

*Falamos aqui duma atitude do coração, que vive tudo com serena atenção, que sabe manter-se plenamente presente diante duma pessoa sem estar a pensar no que virá depois, que se entrega a cada momento como um dom divino que se deve viver em plenitude. Jesus ensinou-nos esta atitude, quando nos convidava a olhar os lírios do campo e as aves do céu, ou quando, na presença dum homem inquieto, «fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele» (Mc 10, 21). De certeza que Ele estava plenamente presente diante de cada ser humano e de cada criatura, mostrando-nos assim um caminho para superar a ansiedade doentia que nos torna superficiais, agressivos e consumistas desenfreados.*

*Uma expressão desta atitude é parar a agradecer a Deus, antes e depois das refeições. Proponho aos crentes que retomem este hábito importante e o vivam profundamente. Este momento da bênção da mesa, embora muito breve, recorda-nos que a nossa vida depende de Deus, fortalece o nosso sentido de gratidão pelos dons da criação, dá graças por aqueles que com o seu trabalho fornecem estes bens, e reforça a solidariedade com os mais necessitados.*

(Carta Encíclica Laudato Si, do Papa Francisco,  
Sobre O Cuidado Da Casa Comum, P 226-227)

## Escolher amar sempre e até ao fim

- Is 52,13–53,12 «Naquele tempo, Jesus saiu com os seus discípulos para o outro lado da torrente do Cedron. Havia lá um jardim, onde Ele entrou com os seus discípulos.
- Sl 30 (31) Judas, que O ia entregar, conhecia também o local, porque Jesus Se reunira lá muitas vezes com os discípulos. Tomando consigo uma companhia de soldados e alguns guardas, enviados pelos príncipes dos sacerdotes e pelos fariseus, Judas chegou ali, com archotes, lanternas e armas.
- Hb 4,14-16;5,7-9 Sabendo Jesus tudo o que Lhe ia acontecer, adiantou-Se e perguntou-lhes: “A quem buscais?”.
- Jo 18,1–19,42 Eles responderam-Lhe: “A Jesus, o Nazareno”.  
Jesus disse-lhes: “Sou Eu”.  
Judas, que O ia entregar, também estava com eles. Quando Jesus lhes disse: “Sou Eu”, recuaram e caíram por terra.  
Jesus perguntou-lhes novamente: “A quem buscais?”.  
Eles responderam: “A Jesus, o Nazareno”.  
Disse-lhes Jesus: “Já vos disse que sou Eu”. [...]  
Entretanto, Simão Pedro seguia Jesus com outro discípulo. Esse discípulo era conhecido do sumo sacerdote e entrou com Jesus no pátio do sumo sacerdote, enquanto Pedro ficava à porta, do lado de fora. Então o outro discípulo, conhecido do sumo sacerdote, falou à porteira e levou Pedro para dentro.  
A porteira disse a Pedro: “Tu não és dos discípulos desse homem?”.

Ele respondeu: “Não sou”. [...]

Entretanto, o sumo sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina. Jesus respondeu-lhe: “Falei abertamente ao mundo. Sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde todos os judeus se reúnem, e não disse nada em segredo. Por que Me interrogas?”

Pergunta aos que Me ouviram o que lhes disse: eles bem sabem aquilo de que lhes falei”. [...]

Depois, levaram Jesus da residência de Caifás ao pretório. Era de manhã cedo. Eles não entraram no pretório, para não se contaminarem e assim poderem comer a Páscoa.

Pilatos veio cá fora ter com eles e perguntou-lhes: “Que acusação trazeis contra este homem?”.

Eles responderam-lhe: “Se não fosse malfeitor, não t’O entregávamos”. [...]

Entretanto, Pilatos entrou novamente no pretório, chamou Jesus e perguntou-Lhe: “Tu és o rei dos judeus?”. [...]

Jesus respondeu: “O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus guardas lutariam para que Eu não fosse entregue aos judeus. Mas o meu reino não é daqui”.

Disse-Lhe Pilatos: “Então, Tu és rei?”.

Jesus respondeu-lhe: “É como dizes: sou rei. Para isso nasci e vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz”.

Disse-Lhe Pilatos: “Que é a verdade?”.

Dito isto, saiu novamente para fora e declarou aos judeus: “Não encontro neste homem culpa nenhuma. Mas vós estais habituados a que eu vos solte alguém pela Páscoa. Quereis que eu solte o rei dos judeus?”.

Eles gritaram de novo: “Esse não. Antes Barrabás”.

Barrabás era um salteador. [...]

Pilatos saiu novamente para fora e disse: “Eu vo-l’O trago aqui fora, para saberdes que não encontro n’Ele culpa nenhuma”.

Jesus saiu, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura.

Pilatos disse-lhes: “Eis o homem”.

Quando viram Jesus, os príncipes dos sacerdotes e os guardas gritaram: “Crucifica-O! Crucifica-O!”. [...]

Entregou-lhes então Jesus, para ser crucificado. E eles apoderaram-se de Jesus. [...]

Quando crucificaram Jesus, os soldados tomaram as suas vestes, das quais fizeram quatro lotes, um para cada soldado, e ficaram também com a túnica. [...]

Estavam junto à cruz de Jesus sua Mãe, a irmã de sua Mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena.

Ao ver sua Mãe e o discípulo predileto, Jesus disse a sua Mãe: “Mulher, eis o teu filho”.

Depois disse ao discípulo: “Eis a tua Mãe”.

E a partir daquela hora, o discípulo recebeu-a em sua casa.

Depois, sabendo que tudo estava consumado e para que se cumprisse a Escritura, Jesus disse:

“Tenho sede”.

Estava ali um vaso cheio de vinagre. Prenderam a uma vara uma esponja embebida em vinagre

e levaram-Lha à boca.

Quando Jesus tomou o vinagre, exclamou: “Tudo está consumado”.

E, inclinando a cabeça, expirou. [...]

(Excertos de Jo 18, 1 – 19, 42)



exta-Feira Santa: Jesus, Nosso Senhor, morre numa cruz.

Lendo o Evangelho de João, vemos a sequência de ações que, neste dia e passo a passo, levam ao desfecho que conhecemos: Jesus pregado numa cruz, onde morre em agonia.

E o que impressiona (pelo menos a mim, deixa-me sempre sem palavras e a fazer um exame de consciência, de ações, de vida) é que Jesus, mesmo vendo o que se aproximava, mantém a escolha de amar até ao fim. Mesmo quando se torna claro que esse fim, que se aproxima de uma forma vertiginosa, tem como destino a cruz. Vemos isso em vários momentos deste Evangelho que hoje meditamos.

No jardim, após a Última Ceia, Jesus, ao aperceber-se de que O procuram, em vez de se tentar esconder faz o contrário. Adianta-se aos seus perseguidores e assegura-se de que o identificam a Ele, sem nenhuma margem para dúvidas.

Quantas vezes eu, perante os problemas, tento afastar de mim os olhares ou até não me responsabilizar por esses problemas? No Evangelho de hoje, vejo que Jesus assume todas as situações em nome próprio e sem dúvidas.

Voltamos a ver isso aquando do interrogatório do sumo sacerdote. Jesus, perante as questões, mantém tudo o que disse, não minimiza nada do que anunciou. Mais, ainda pede que confirmem as Suas palavras junto daqueles que O escutaram.

Quantas vezes tento reformular o que disse ou fiz, não assumindo as minhas palavras e escolhas? Este texto do Evangelho mostra-me que Jesus opta por nunca renegar o que disse ou fez.

Frente a Pilatos, Jesus volta a responder sem nenhum tipo de evasão quando Lhe é perguntado se é rei. Assume, sem dúvidas, a Sua realeza. No entanto, esclarece qual o Seu tipo de reinado.

Será que consigo, e procuro, ser claro nas minhas escolhas e palavras ao jeito de Jesus?

Por fim, já na cruz, Jesus continua a escolher amar até ao fim. Pensa primeiro nos outros – Sua Mãe e Seu discípulo – do que em si.

No momento mais doloroso da Sua vida, no momento da agonia, Jesus dá ao discípulo – dá a todos nós – uma Mãe.

Quantas vezes sou egoísta e me esqueço dos outros, justificando essa opção com as minhas circunstâncias? Quero aprender com Jesus a nunca deixar que os outros deixem de fazer parte da minha vida e das minhas escolhas?

Em cada um destes momentos (e há mais), Jesus renova a escolha de toda a Sua vida. Renova, e leva até ao fim, a escolha de ser fiel ao que escuta de Seu Pai, Deus, no sentido de ser consequente com o mandamento que antes tinha deixado aos seus discípulos: *“Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei”* (Jo 13, 34).

Jesus não se afasta nunca desta escolha, nem mesmo perante o perigo real e mortal que se desenha à Sua frente. Essa escolha é reafirmada em cada uma das diferentes situações com que é confrontado nesta sexta-feira. Não recua, não tenta o compromisso. Não tenta escapar de nenhuma forma. Mantém-se fiel, escolhendo, uma e outra vez, amar e amar até ao fim. Este dia é o culminar dessa escolha, feita dia após dia durante toda a Sua vida pública.

Por outro lado, em contraponto, vemos as escolhas que os restantes intervenientes fazem ao longo deste dia. Todos, de Pedro a Pilatos, se escolhem a si próprios, às suas circunstâncias, às suas ideias ou às suas posições sociais e políticas. Como, infelizmente, me revejo em várias (senão em todas) dessas escolhas de Pedro e de Pilatos!

A forma como o Evangelho nos mostra como Jesus vive esta sexta-feira lança uma interpelação fundamental.

Somos interpelados a fazer, em cada momento e situação do quotidiano, uma escolha pelo amor. Somos interpelados a amar como Ele nos amou, a escolher escutar e viver o que Deus, nosso Pai, nos vai dizendo, através da Sua Palavra, na oração e no quotidiano.

Vamos, cada um de nós, dar-Lhe esse tempo e espaço na nossa vida?



## Esse tão grande silêncio

*Com a sua vida e a sua morte, Jesus desceu a abraçar todos os silêncios, mesmo aqueles abissais, mesmo aqueles longínquos, realizando a vida como possibilidade de salvação.*

*Ele abraçou o silêncio dos nossos impasses, daquilo que em nós vem omitido; o silêncio onde as nossas forças colapsam e nos deixam à mercê do medo e da sombra que sitiam; aquele impreciso e íntimo silêncio que a nós tantas vezes parece irresolúvel, o desta sôfrega indefinição que somos entre o já e o ainda não.*

*Ele abraçou este tempo passado entre derrotas e esperanças, este tempo que dói como um espinho que resta depois da rosa ter sido decepada, este tempo assinalado por tempestades que furibundas nos ladram e naufrágios que assaltam, prontos a despedaçar-nos.*

*Ele abraçou o silêncio da vida nua, vulnerável, desamparada ou ferida, a vida que nenhuma cidade acolhe, a vida bloqueada pelo arame farpado das fronteiras, impiedosamente marcada para o descarte.*

*Ele abraçou o silêncio de todas as vítimas da história, o silêncio aterrador da injustiça, a lâmina cega da violência, o grito sem voz dos excluídos, o silenciamento imposto aos pobres, o último olhar imenso e silencioso que lançam sobre a terra os justos.*

*Na verdade, não há nada nem ninguém que Jesus não tenha abraçado.*

(José Tolentino Mendonça in “Rezar de olhos abertos”)

## Esta é a noite!

Gn 1,1–2,2 Criação do Mundo  
SI 103 (104)

Gn 22,1-18 Obediência de Abraão  
SI 15 (16)

Ex 14,15–15,1 Libertação do Povo do Egípto  
Ex 15,1-2.3-4.5-6.17-18

Is 54,5-14 O Amor de Deus e a nova Jerusalém  
SI 29 (30)

Is 55,1-11 A Aliança de Deus com o Seu Povo fonte  
de Salvação  
Is 12,2-3.4bcd.5-6

Br 3,9-15.32–4,4 Fonte de Sabedoria  
SI 18 (19)

Ez 36,16-17a.18-28 Um Coração novo e um Espírito Novo –  
dons de Deus  
SI 41 (42)

Rm 6,3-11 Cristo Venceu a Morte e com Ele também  
nós nascemos para uma vida nova  
SI 117 (118)

Mc 16, 1-7 Cristo Ressuscitou: Anuncia-o

«Passado o sábado, Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram perfumes para ir embalsamá-lo. De manhã, ao nascer do sol, muito cedo, no primeiro dia da semana, foram ao sepulcro.

Diziam entre si: “Quem nos irá tirar a pedra da entrada do sepulcro?” Mas olharam e viram que a pedra tinha sido rolada para o lado; e era muito grande. Entrando no sepulcro, viram um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca, e ficaram assustadas.

Ele disse-lhes: “Não vos assusteis! Buscais a Jesus de Nazaré, o crucificado? Ressuscitou; não está aqui. Vede o lugar onde o tinham depositado. Ide, pois, e dizei aos seus discípulos e a Pedro: 'Ele precede-vos a caminho da Galileia; lá o vereis, como vos tinha dito.'”»

(Mc 16, 1-7)



Esta é a noite...

Esta é a noite de todas as noites. Somos convidados a celebrar a grande Vigília, mãe de todas as vigílias, cume do ano litúrgico e momento mais importante para todos os Cristãos: “Esta é a noite”, como é repetidamente referido no precónio Pascal.

Começamos no escuro, para que seja a luz de Cristo Ressuscitado que nos ilumine.

Somos desafiados a percorrer a grande história de amor entre Deus e a Humanidade, desde a criação do mundo à Ressurreição de Cristo, para, através dela, chegar à grande história de amor que Deus vai escrevendo com cada um de nós.

Na criação, vemos um Deus que cria cada coisa, vendo que é muito bom, e culmina com a criação do homem. Homem, para quem tudo foi criado, mas a quem é pedido que cuide, também, de toda a criação.

Criado o mundo, Deus dá-nos um Pai na fé – Abraão. O homem que retribui o amor de Deus com uma confiança ilimitada. A obediência de Abraão reflete a confiança total em Deus – Deus providenciará.

A história de amor continua. Deus liberta o seu povo do Egipto e, com isso, temos a primeira Páscoa – a Passagem do Povo de Deus da escravidão do Egipto para a liberdade da terra prometida.

E este amor, apesar das quedas do homem, mantém-se sempre, pois é anterior a tudo e vai para além de tudo. Depois de cada queda, Ele está sempre pronto a recomeçar com cada um de nós – *“ainda que sejam abaladas as montanhas e vacilem as colinas, o meu amor não te abandonará, a minha aliança de paz não vacilará – diz o Senhor”*.

Deus é a fonte de tudo e em Deus nada nos falta. É nossa a decisão de ir até Ele, até porque pelo Seu grande amor, Deus criou-nos livres. Mas é apenas n'Ele que encontramos a verdadeira felicidade. Deus é a fonte de toda a Sabedoria e apenas n'Ele encontramos a verdadeira vida.

A terminar este nosso caminho com o povo da antiga aliança, vem mais uma promessa consoladora e verdadeiramente entusiasmante: *“Dar-vos-ei um coração novo e infundirei em vós um espírito novo”*. Esta promessa concretiza-se no Batismo que nasce da Ressurreição de Cristo – n'Ele Ele vence a morte –, e no qual todos nós somos convidados a uma vida nova em Cristo.

Depois de todo este caminho, chegamos à manhã da Ressurreição. Três mulheres saem bem cedo de casa para ir até ao sepulcro. O que as movia para ir tão cedo? A necessidade de cumprir a sua função, ou a saudade do mestre a quem tinham seguido? E que surpresa que têm ao encontrar um jovem sentado junto ao Sepulcro! E que surpresa, ainda maior, tiveram com as suas palavras: *“Ressuscitou: não está aqui!”*. O que teriam sentido estas mulheres? Percebiam elas o que testemunhavam naquele momento?

*“Agora ide dizer aos seus discípulos”...* Ser testemunhas da Ressurreição é o desafio lançado àquelas mulheres, e a cada um de nós neste momento.

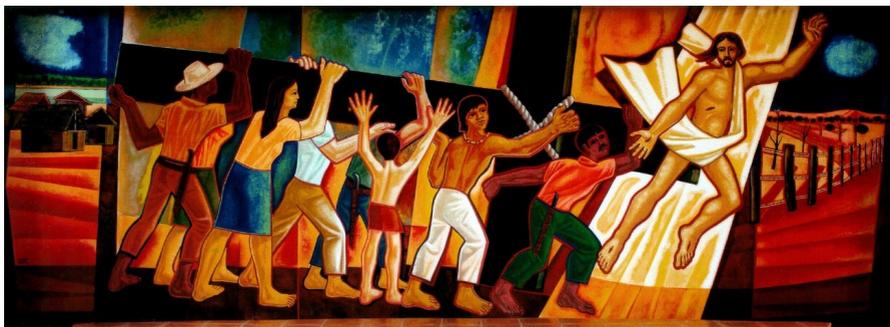
Com esta força de nos sabermos amados por Deus e ressuscitados em Cristo, estamos prontos para abraçar essa vida nova. Depois de rezar a história da salvação do Povo de Deus, é o momento de nos comprometermos com a nossa própria história de salvação, com e em Deus, e é isso que fazemos. Uns são batizados, outros renovam a promessa do Batismo. Todos queremos ser homens novos em Cristo.

Depois de tudo isto, não podemos continuar o caminho da mesma forma. Precisamos de renascer. Precisamos de ressuscitar. Precisamos de ser homens e mulheres novos, que seguem a anunciar, porque inundados do Espírito não podemos fazer outra coisa senão “anunciar”.

Deus espera pelo sim de cada um para cumprir, em nós, a Salvação oferecida pela Ressurreição de Cristo. E eu, que me sei escolhido, amado e salvo, sou chamado a anunciar, como as mulheres que foram ao Sepulcro na manhã da Ressurreição.

Alimentados pela Eucaristia, vamos para o mundo comprometidos em construir um mundo novo alicerçado na Ressurreição.

De coração renovado e cheios do Espírito Santo, levemos ao mundo a boa nova de que a SALVAÇÃO QUE CRISTO VEIO TRAZER COM A SUA RESSURREIÇÃO É PARA “TODOS, TODOS, TODOS”.



*Cristo vive, anuncia-O, escutei-O no meu coração!  
Ele falou-me do meu Pai que me ama com loucura.  
Cristo vive, anuncia-O, escutei-O no meu coração!  
Tenho-O visto nos irmãos, os que partilham amor e gozo.*

***Oh, oh irmão, vem comigo,  
Se é amar o que move a tua vida!  
Mostra que Cristo já vive no teu coração.  
Olha! Ele vive, anuncia-O!***

*Cristo vive, anuncia-O, escutei-O no meu coração!  
Pois a morte nada pode porque o Pai O ressuscita.  
Cristo vive, anuncia-O, escutei-O no meu coração!  
E me grita nos meus irmãos, os que sofrem e vivem sós.*

(Dara O'Brien, FMVD)

## A Ressurreição está a Acontecer

- At 10,34a.37-43    «No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo logo de manhã, ainda escuro, e viu retirada a pedra que o tapava. Correndo, foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, o que Jesus amava, e disse-lhes: “O Senhor foi levado do túmulo e não sabemos onde o puseram”.
- SI 117 (118)
- Cl 3,1-4 ou  
1 Cor 5,6b-8
- Jo 20,1-9    Pedro saiu com o outro discípulo e foram ao túmulo. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo correu mais do que Pedro e chegou primeiro ao túmulo. Inclinou-se para observar e reparou que os panos de linho estavam espalmados no chão, mas não entrou.»  
(Jo 20, 1-5)

**H**oje sou chamada a preparar estas pistas e sinto-me longe, sinto-me afastada, sinto-me incapaz de escrever, e chego a pensar como seria injusto/falso eu falar acerca do Centro da nossa fé reconhecendo tamanho privilégio...

De alguma forma, por questões profissionais, obcecada com trabalho... deixei de conversar a um nível interior mais profundo.

Como tal, depressa abro uma rede social e a primeira coisa que me aparece é: “como sou pouco e sei pouco, falo o pouco que me cabe, dando-me por inteiro”...

Céus!!!! Penso eu, como me trespassas em todas as coisas!!!

Ponho-me, então, diante de Ti:

*“Maria Madalena foi ao túmulo ainda escuro e viu retirada a pedra que o tapava”.*

Como se teria sentido Maria Madalena? Confusa, inquieta e, sem saber, seria a primeira testemunha da Ressurreição...

Guiada pela saudade, inconformada, com fraqueza e sofrimento, algo porém a fez caminhar, e o medo e a solidão ficaram à margem. Maria Madalena mostra-nos que precisamos de ir ao encontro do Senhor!

E eu? E nós? Jesus, quantas vezes em altura de desalento não Te vemos?

Maria Madalena, sem qualquer receio, foi no escuro, com uma fé imensa que se transforma em força, e é essa força que nos dá uma enorme esperança para o caminho. Esse caminho pode parecer escuro, pode parecer difícil, mas é um caminho, uma janela ou uma rocha que se abre para algo mais, algo maior.

Como Jesus está presente, assim O queiramos ver. Jesus procura-nos nas nossas solidões, nas nossas crises, para nos ajudar a recomeçar. Como disse o Papa Francisco, é a Espiritualidade do recomeço: cair e recomeçar, aborrecer-se e redobrar a alegria.

Descobrir a presença de Deus onde menos esperamos, pois o Senhor Ressuscitado surpreende-nos sempre!

E surpreende como? Sempre com amor. Sinto-me incapaz, e Ele diz-me “Basta que te entregues”.

Este é um amor que impacta verdadeiramente!

Rezar é isto mesmo, abrir os olhos e o coração, afastar medos, retirar tudo aquilo que nos possa impedir de tornar o coração mais leve e mais aberto para que entre “Luz”, a Luz que nos transforma a partir do interior.

Correndo, Maria Madalena foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, o que Jesus amava, e disse-lhes: *“O Senhor foi levado do túmulo e não sabemos onde o puseram”*.

Simão Pedro, o outro discípulo e Maria Madalena são os primeiros a testemunhar o túmulo vazio e, para eles, não foi óbvio que Jesus estava vivo, mas uma vida tão cheia de amor não podia ficar na morte!

Manifestou-Se mostrando uma clara vitória da vida sobre a morte e, perante a incerteza e a dúvida, a fé e a confiança ressalta!!! Jesus capacita os escolhidos, deixemos que nos interpele.

Afastemos as pedras da vida, as rochas, para que tomemos consciência da presença de Deus em nós e, assumindo as nossas fragilidades, aceitemos o Convite ao Amor de Jesus Ressuscitado.

Um amor em todas as conjugações possíveis, pois só este amor impacta, só este permanece.

A ressurreição é um convite, também, à mudança, a um virar de página!

Jesus ajuda-me, o que me impede, em concreto, de viver esta alegria?

*“Pedro saiu com o outro discípulo e foram ao túmulo. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo correu mais do que Pedro e chegou primeiro ao túmulo”.*

Aqui, segue-se uma experiência pessoal de Jesus que dá origem a uma experiência comunitária. A Ressurreição vive-se aqui em comunidade, todos se colocam em movimento para encontrar Jesus, para encontrar Cristo Vivo!

Afinal de contas, o que me impedia de me dar por inteiro? Por vezes pareço dispersar-me no meio de tanto ruído do dia a dia. Por que não Te vejo? Tu estás VIVO! Dá-me a Tua mão!

E com quem corro eu? Com quem faço o meu caminho? Onde busco o meu alento?

Por que Te procuramos nos lugares errados, quando Vens ao nosso encontro de uma forma tão presente e real? Jesus, por que teimamos em Te procurar onde Tu não estás?

Viver Cristo Vivo é uma maneira de estar na vida que adoto quando experiencio Jesus. Quando deixo que Jesus aconteça em mim, quando percebo que para Deus Se ver, eu preciso viver!

*“Inclinou-se para observar e reparou que os panos de linho estavam espalmados no chão, mas não entrou”.*

Estou atenta aos sinais? Deixo-me interpelar por estas presenças do Espírito?

É nestes sinais, nestes encontros e nas respostas que dou a estes sinais que o meu coração vai crescendo, dilatando.

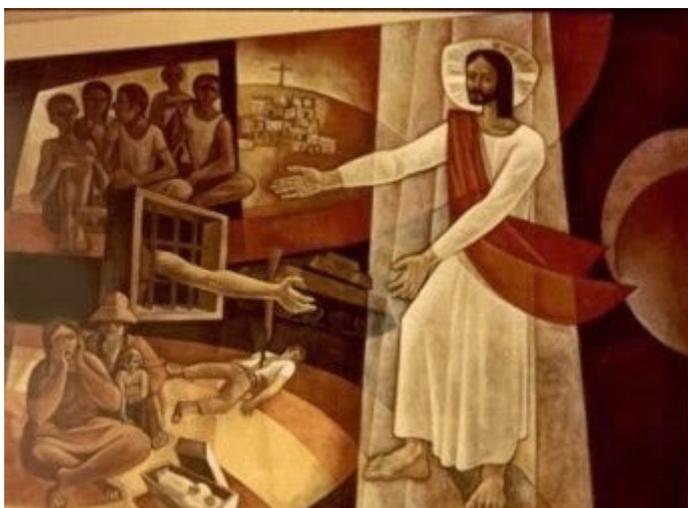
É nestes sinais que limpo caminho e alinho as minhas certezas.

A certeza de que não há vazio onde há Jesus ressuscitado, apenas Vida.

Não há vazio onde há amor, e é precisamente este Amor que nos permite continuar na Terra depois de partirmos.

Nada é mais potente.

Mesmo que te sintas cansado, não desistas do Amor, porque só este permanece.



Espaços que precisam de ressurreição na atualidade



parte III textos da Igreja

## Introdução

Aí está outra vez uma Quaresma, este “tempo favorável” (2 Cor 6, 2) que Deus e a Igreja nos dão, em cada ano, para nos descobrirmos melhor a nós mesmos e na nossa relação com Ele e com os outros.

Neste Caderno, para além de todos os textos que vão acompanhar-nos, Domingo após Domingo e no Tríduo Pascal, trazemos excertos de mensagens do Papa para datas especiais, que marcam o ritmo do ano com temas fundamentais da nossa vida – a paz e a saúde.

Sobre a própria Quaresma também o Papa escreve, desta vez, salientando como Deus nos conduz, nos desertos da vida, da escravidão à liberdade, do pecado à salvação e da morte à vida.

Continuamos em guerra em vários pontos do mundo; continuamos a ser vítimas de catástrofes e dos efeitos das alterações climáticas; continuamos a viver situações políticas económicas e sociais muito difíceis. Mas Deus nunca abandona os que confiam Nele!

Por isso, somos desafiados a viver a Páscoa e o tempo Pascal com a alegria e a esperança que nos vêm da ressurreição. Na Vigília Pascal do ano passado, o Papa dizia que a Páscoa: “impele-nos a seguir em frente, a sair da sensação de derrota, a rolar a pedra dos sepulcros onde muitas vezes encerramos a esperança, a olhar o futuro com confiança, porque Cristo ressuscitou e mudou a direção da história.”.

Partilhamos, ainda, o testemunho do que foi viver uma vigília internacional online para celebrar o aniversário da Verbum Dei.

## MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ 1º janeiro 2024

### INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E PAZ

No início do novo ano, tempo de graça concedido pelo Senhor a cada um de nós, quero dirigir-me ao Povo de Deus, às nações, aos Chefes de Estado e de Governo, aos Representantes das diversas religiões e da sociedade civil, a todos os homens e mulheres do nosso tempo para lhes expressar os meus votos de paz.

#### 1. *O progresso da ciência e da tecnologia como caminho para a paz*

A Sagrada Escritura atesta que Deus deu aos homens o seu Espírito a fim de terem «sabedoria, inteligência e capacidade para toda a espécie de trabalho» (Ex 35, 31). A inteligência é expressão da dignidade que nos foi dada pelo Criador, que nos fez à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1, 26) e nos tornou capazes, através da liberdade e do conhecimento, de responder ao seu amor. Esta qualidade fundamentalmente relacional da inteligência humana manifesta-se de modo particular na ciência e na tecnologia, que são produtos extraordinários do seu potencial criativo. (...)

#### 2. *O futuro da inteligência artificial, por entre promessas e riscos*

Os progressos da informática e o desenvolvimento das tecnologias digitais, nas últimas décadas, começaram já a produzir profundas transformações na sociedade global e nas suas dinâmicas. Os novos instrumentos digitais estão a mudar a fisionomia das comunicações, da administração pública, da instrução, do consumo, dos intercâmbios pessoais e de inúmeros outros aspetos da vida diária. (...)

Isto aplica-se também às formas de inteligência artificial. Desta, até ao momento, não existe uma definição unívoca no mundo da ciência e da tecnologia. A própria designação, que já entrou na

linguagem comum, abrange uma variedade de ciências, teorias e técnicas destinadas a fazer com que as máquinas, no seu funcionamento, reproduzam ou imitem as capacidades cognitivas dos seres humanos.

Falar de «formas de inteligência», no plural, pode ajudar sobretudo a assinalar o fosso intransponível existente entre estes sistemas, por mais surpreendentes e poderosos que sejam, e a pessoa humana: em última análise, aqueles são «fragmentários» já que têm possibilidades de imitar ou reproduzir apenas algumas funções da inteligência humana. (...)

Assim, a imensa expansão da tecnologia deve ser acompanhada por uma adequada formação da responsabilidade pelo seu desenvolvimento. A liberdade e a convivência pacífica ficam ameaçadas, quando os seres humanos cedem à tentação do egoísmo, do interesse próprio, da ânsia de lucro e da sede de poder. Por isso temos o dever de alargar o olhar e orientar a pesquisa técnico-científica para a prossecução da paz e do bem comum, ao serviço do desenvolvimento integral do homem e da comunidade. (...)

### 3. *A tecnologia do futuro: máquinas que aprendem sozinhas*

Nas suas múltiplas formas, a inteligência artificial, baseada em técnicas de aprendizagem automática (*machine learning*), embora ainda numa fase pioneira, já está a introduzir mudanças notáveis no tecido das sociedades, exercendo uma influência profunda nas culturas, nos comportamentos sociais e na construção da paz.

Desenvolvimentos como a aprendizagem automática (*machine learning*) ou a aprendizagem profunda (*deep learning*) levantam questões que transcendem os âmbitos da tecnologia e da engenharia e têm a ver com uma compreensão intimamente ligada ao significado da vida humana, aos processos basilares do conhecimento e à capacidade que tem a mente de alcançar a verdade. (...)

#### 4. *O sentido do limite, no paradigma tecnocrático*

O nosso mundo é demasiado vasto, variado e complexo para ser completamente conhecido e classificado.

A mente humana nunca poderá esgotar a sua riqueza, nem sequer com a ajuda dos algoritmos mais avançados.

(...)

#### 5. *Temas quentes para a ética*

No futuro, a fiabilidade de quem pede um empréstimo, a idoneidade dum indivíduo para determinado emprego, a possibilidade de reincidência dum condenado ou o direito a receber asilo político ou assistência social poderão ser determinados por sistemas de inteligência artificial. A falta de níveis diversificados de mediação que tais sistemas introduzem está particularmente exposta a formas de preconceito e discriminação: os erros do sistema podem multiplicar-se facilmente, gerando não só injustiças em casos individuais, mas também, por efeito dominó, verdadeiras formas de desigualdade social.

Além disso, por vezes, as formas de inteligência artificial parecem capazes de influenciar as decisões dos indivíduos através de opções predeterminadas associadas a estímulos e dissuasões, ou então através de sistemas de regulação das opções pessoais baseados na organização das informações. Estas formas de manipulação ou controle social requerem atenção e vigilância cuidadosas, implicando uma clara responsabilidade legal por parte dos produtores, de quem os contrata e das autoridades governamentais. (...)

#### 6. *Transformaremos as espadas em relhas de arado?*

Nestes dias, contemplando o mundo que nos rodeia, não se pode ignorar as graves questões éticas relacionadas com o setor dos armamentos. (...) Os sistemas de armas autónomos nunca poderão ser sujeitos moralmente responsáveis: a exclusiva capacidade humana de julgamento moral e de decisão ética é mais do que um



que regule o desenvolvimento e o uso da inteligência artificial nas suas variadas formas. Naturalmente o objetivo da regulamentação não deveria ser apenas a prevenção de más aplicações, mas também o incentivo às boas aplicações, estimulando abordagens novas e criativas e facilitando iniciativas pessoais e coletivas. (...) Espero que esta reflexão encoraje a fazer com que os progressos no desenvolvimento de formas de inteligência artificial sirvam, em última análise, a causa da fraternidade humana e da paz. Não é responsabilidade de poucos, mas da família humana inteira. De facto, a paz é fruto de relações que reconhecem e acolhem o outro na sua dignidade inalienável, e de cooperação e compromisso na busca do desenvolvimento integral de todas as pessoas e de todos os povos.

No início do novo ano, a minha oração é que o rápido desenvolvimento de formas de inteligência artificial não aumente as já demasiadas desigualdades e injustiças presentes no mundo, mas contribua para pôr fim às guerras e conflitos e para aliviar muitas formas de sofrimento que afligem a família humana. Possam os fiéis cristãos, os crentes das várias religiões e os homens e mulheres de boa vontade colaborar harmoniosamente para aproveitar as oportunidades e enfrentar os desafios colocados pela revolução digital, e entregar às gerações futuras um mundo mais solidário, justo e pacífico.



Vaticano, 8 de dezembro de 2023.

## MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DO DOENTE 11 fevereiro 2024

«NÃO É CONVENIENTE QUE O HOMEM ESTEJA SÓ».  
CUIDAR DO DOENTE, CUIDANDO DAS RELAÇÕES

«*Não é conveniente que o homem esteja só*» (Gn 2, 18).

Desde o início, Deus, que é amor, criou o ser humano para a comunhão, inscrevendo no seu íntimo a dimensão das relações. Assim a nossa vida, plasmada à imagem da Trindade, é chamada a realizar-se plenamente no dinamismo das relações, da amizade e do amor mútuo. Fomos criados para estar juntos, não sozinhos. E precisamente porque este projeto de comunhão está inscrito tão profundamente no coração humano, a experiência do abandono e da solidão atemoriza-nos e olhamo-la como dolorosa e até desumana. (...)

Ao mesmo tempo associo-me, pesaroso, à condição de sofrimento e solidão de quantos, por causa da guerra e suas trágicas consequências, se encontram sem apoio nem assistência: a guerra é a mais terrível das doenças sociais e as pessoas mais frágeis pagam-lhe o preço mais alto.

Contudo, é preciso assinalar que, mesmo nos países que gozam da paz e de maiores recursos, o tempo da velhice e da doença é vivido frequentemente na solidão e, por vezes, até no abandono. Esta triste realidade é consequência sobretudo da cultura do individualismo, que exalta a produção a todo o custo e cultiva o mito da eficiência, tornando-se indiferente e até implacável quando as pessoas já não têm as forças necessárias para lhe seguir o passo.(...)

Faz-nos bem voltar a ouvir esta frase bíblica: «*não é conveniente que o homem esteja só*». É pronunciada por Deus ao início da criação, revelando-nos assim o significado profundo do seu projeto para a humanidade, mas ao mesmo tempo também a ferida mortal do pecado, que se introduz gerando suspeitas, fraturas, divisões e consequente isolamento. Este atinge a pessoa em todas as suas relações: com Deus, consigo mesma, com o outro, com a criação. Tal isolamento faz-nos

perder o significado da existência, tira-nos a alegria do amor e faz-nos provar uma sensação opressiva de solidão nas sucessivas passagens cruciais da vida. (...)

Recordemos esta verdade central da nossa vida: viemos ao mundo porque alguém nos acolheu, somos feitos para o amor, somos chamados à comunhão e à fraternidade. Esta dimensão do nosso ser sustém-nos sobretudo no tempo da doença e da fragilidade, e é a primeira terapia que todos, juntos, devemos adotar para curar as doenças da sociedade em que vivemos.

A vós, que vos encontrais na doença, passageira ou crónica, quero dizer-vos: não tenhais vergonha do vosso desejo de proximidade e ternura. Não o escondais e nunca penseis que sois um peso para os outros. A condição dos doentes convida-nos a todos a abrandar os ritmos exasperados em que estamos imersos e a reentrar em nós mesmos.

Nesta mudança de época que vivemos, especialmente nós, cristãos, somos chamados a adotar o olhar compassivo de Jesus. Cuidemos de quem sofre e está sozinho, porventura marginalizado e descartado. Com o amor mútuo que Cristo Senhor nos oferece na oração, especialmente na Eucaristia, tratemos das feridas da solidão e do isolamento. E deste modo cooperamos para contrastar a cultura do individualismo, da indiferença, do descarte e fazer crescer a cultura da ternura e da compaixão.

Os doentes, os frágeis, os pobres estão no coração da Igreja e devem estar também no centro das nossas solitudes humanas e cuidados pastorais. Não o esqueçamos! E confiemo-nos a Maria Santíssima, Saúde dos Enfermos, pedindo-Lhe que interceda por nós e nos ajude a ser artífices de proximidade e de relações fraternas.



## MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA A QUARESMA 2024

### ATRAVÉS DO DESERTO, DEUS GUIA-NOS PARA A LIBERDADE

Queridos irmãos e irmãs!

Quando o nosso Deus Se revela, comunica liberdade: «*Eu sou o Senhor, teu Deus, que te fiz sair da terra do Egito, da casa da servidão*» (Ex 20, 2).

Assim inicia o Decálogo dado a Moisés no Monte Sinai. O povo sabe bem de que êxodo Deus está a falar: traz ainda gravada na sua carne a experiência da escravidão. Recebe as «dez palavras» no deserto como caminho de liberdade. Nós chamamos-lhes «mandamentos», fazendo ressaltar a força amorosa com que Deus educa o seu povo; mas, de facto, a chamada para a liberdade constitui um vigoroso apelo. Não se reduz a um mero acontecimento, mas amadurece ao longo dum caminho. (...)

A Quaresma é o tempo de graça em que o deserto volta a ser – como anuncia o profeta Oseias – o lugar do primeiro amor (cf. Os 2, 16-17). Deus educa o seu povo, para que saia das suas escravidões e experimente a passagem da morte à vida. Como um esposo, atrai-nos novamente a Si e sussurra ao nosso coração palavras de amor.

O êxodo da escravidão para a liberdade não é um caminho abstrato. A fim de ser concreta também a nossa Quaresma, o primeiro passo é querer ver a realidade.

Quando o Senhor, da sarça ardente, atraiu Moisés e lhe falou, revelou-Se logo como um Deus que vê e sobretudo escuta: «*Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspetores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de o libertar das mãos dos egípcios e de o fazer subir desta terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana leite e mel*» (Ex 3, 7-8).

Também hoje o grito de tantos irmãos e irmãs oprimidos chega ao céu.

Perguntemo-nos: e chega também a nós? Mexe connosco? Comove-nos?

Há muitos fatores que nos afastam uns dos outros, negando a fraternidade que originariamente nos une. (...)

Quero apontar-vos, na narração do Êxodo, um detalhe de não pequena importância: é Deus que vê, que Se comove e que liberta, não é Israel que o pede. (...)

Deus não Se cansou de nós.

Acolhamos a Quaresma como o tempo forte em que a sua Palavra nos é novamente dirigida: «*Eu sou o Senhor, teu Deus, que te fiz sair da terra do Egito, da casa da servidão*» (Ex 20, 2).

É tempo de conversão, tempo de liberdade. O próprio Jesus, como recordamos anualmente no primeiro domingo da Quaresma, foi impelido pelo Espírito para o deserto a fim de ser posto à prova na sua liberdade. Durante quarenta dias, tê-Lo-emos diante dos nossos olhos e conosco: é o Filho encarnado. (...)

É tempo de agir e, na Quaresma, agir é também parar: parar em oração, para acolher a Palavra de Deus, e parar como o Samaritano em presença do irmão ferido.

O amor de Deus e o do próximo formam um único amor. Não ter outros deuses é parar na presença de Deus, junto da carne do próximo. Por isso, oração, esmola e jejum não são três exercícios independentes, mas um único movimento de abertura, de esvaziamento: lancemos fora os ídolos que nos tornam pesados, fora os apegos que nos aprisionam. Então o coração atrofiado e isolado despertará. Para isso há que diminuir a velocidade e parar.

Assim a dimensão contemplativa da vida, que a Quaresma nos fará reencontrar, mobilizará novas energias. Na presença de Deus, tornamos irmãos e irmãs, sentimos os outros com nova intensidade: em vez de ameaças e de inimigos encontramos companheiras e companheiros de viagem. Tal é o sonho de Deus, a terra prometida para a qual tendemos, quando saímos da escravidão. (...)

Na medida em que esta Quaresma for de conversão, a humanidade extraviada sentirá um estremeção de criatividade: o lampear duma nova

esperança. Quero dizer-vos, como aos jovens que encontrei em Lisboa no verão passado: «Procurai e arriscaí; sim, procurai e arriscaí. Neste momento histórico, os desafios são enormes, os gemidos dolorosos: estamos a viver uma Terceira Guerra Mundial feita aos pedaços. Mas abracemos o risco de pensar que não estamos numa agonia, mas num parto; não no fim, mas no início dum grande espetáculo. E é preciso coragem para pensar assim» (Discurso aos universitários, 03/08/2023).

É a coragem da conversão, da saída da escravidão. A fé e a caridade guiam pela mão esta esperança menina. Ensinam-na a caminhar e, ao mesmo tempo, ela puxa-as para a frente. [1]

Abençoo-vos a todos vós e ao vosso caminho quaresmal.

Roma – São João de Latrão, no I Domingo do Advento, 3 de dezembro de 2023.

[1] Cf. Charles Péguy, *O pórtico do mistério da segunda virtude*



## UMA VIGÍLIA EM FRATERNIDADE

A Fraternidade Missionária Verbum Dei fez 61 anos de fundação no dia 17 de janeiro.

Para a Verbum Dei, 61 anos são a sua história, uma pequena parcela dentro da História de Salvação que amorosamente Deus vai tecendo e na qual vai entrelaçando fios de cores, texturas, grossuras diferentes, configurando um carisma para oferecer à Humanidade toda e à Igreja universal, que assim o reconhece e aprova.

Viver esta festa, podendo as comunidades de Portugal rezar juntas, foi um verdadeiro luxo, facilitado pelas novas tecnologias.

Desde o princípio da preparação desta festa dos 61 anos, incentivou-nos um desejo de conhecermos mais, para amarmos mais e entregarmo-nos melhor. O resultado foi uma vigília profunda, preparada com carinho e vivida na fé.

Rezámos uns pelos outros: a nossa oração foi pelas comunidades que perduram no tempo e no carisma, essa fidelidade premiada com muitos frutos, no continente e nas ilhas. Também foi de uma grande emotividade: encontrámo-nos com uma comunidade que renasce depois de momentos difíceis, mas que se tem mantido fiel ao amor primeiro, à relação com Deus e ao carisma, Todas as comunidades contam também com a oração de todos.

Conhecemos uma comunidade que eles próprios chamam “do Norte”, na qual há um dinamismo através de vivências de uns para os outros, missionários/as, casais, leigos consagrados, discípulos missionários – um exemplo de inclusão fantástica que nos faz compreender e rezar esse “Todos, Todos, Todos” a que nos convidou o Papa.

Uma outra comunidade definiu-se como “comunidade de comunidades”, famílias com filhos muito alegres e integrados, que nos falaram de um futuro para a Igreja, com especial dedicação e em estreita colaboração com a sua paróquia. Acreditamos que a nossa oração pode ajudar a continuar o seu frutífero labor.

Queridas comunidades da Madeira, Porto, Aveiro, Coimbra, Pombal, Lisboa e Oeiras, queremos dizer-vos que foi uma vigília rica em espiritualidade, em vivências, dinamismo apostólico e, muito importante, rica em fraternidade. Um grande OBRIGADO a todos. Pedimos que continuem a rezar pela Família Missionária Verbum Dei em Portugal e no mundo.



Notas:

Notas:

# Família Missionária Verbum Dei

## Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

## Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

\_ Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

\_ Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

\_ da oração;

\_ do ministério da Palavra;

\_ do testemunho de vida evangélica.

Consulte as atividades da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa em [lisboa.verbumdei.org/calendario](http://lisboa.verbumdei.org/calendario)

### **Centro de Evangelização Vale de Lobos**

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38º 49' 15''; W 9º 17' 25''

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

### **Casa da Palavra**

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

### **Fraternidade Missionária Verbum Dei**

[lisboa.verbumdei.org](http://lisboa.verbumdei.org) | [contacto@verbumdei.org](mailto:contacto@verbumdei.org) | Tel. Lisboa -

21 795 09 57

[cadernodeoracaovd@gmail.com](mailto:cadernodeoracaovd@gmail.com)

